

Um novo Nero

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista



trabalhador sempre precise do governo para alguma atividade. O cipoal burocrático envolve e orienta o cidadão. Fora do poder ele é um desamparado. Nos sites do governo, estão inscritos quase 100 milhões de brasileiros. Ou seja, a metade da população brasileira está ao alcance da mão pesada do estado.

O governo, portanto, não pode privatizar suas mais de 100 empresas estatais. Elas existem para empregar eleitores de Lula e do PT. A Telebras, por exemplo, não tem nenhuma razão para continuar a existir. Ela deveria ter sido extinta quando da privatização do setor no governo Fernando Henrique. Não foi porque tinha muitas dívidas, algumas delas em fase de cobrança judicial. Seria melhor pagar as dívidas, extinguir as ações nos tribunais e depois fechar suas portas. Foi nesse estágio que o PT encontrou a Telebras. Hoje, ela foi vitaminada, passou a fazer parte dos planos do Ministério das Comunicações e, naturalmente, apresentou um déficit monumental que será pago pelos brasileiros na forma de impostos.

Também não é bem recebida qualquer sugestão com objetivo de reduzir gastos, diminuir despesas e racionalizar a administração. O ministro da Fazenda ousou mencionar a hipótese e foi bombardeado por todos os lados, inclusive por uma graduada estrela petista que está prestes a se tornar ministra em gabinete dentro do Palácio do Planalto, ao lado do presidente. Prestígio maior não há. Os brasileiros devem ter noção de que o jogo está jogado. A eleição de 2026 de fato começou a ser planejada nessas férias de verão. Os milhões inscritos nos múltiplos programas oficiais são eleitores aprisionados dentro dos currículos eleitorais que se expandiram por todo o país. Os empresários, que dependem dos favores oficiais, não dispõem da autonomia necessária

para construir alternativas. O Brasil cresce aos solavancos, quase por acaso.

Qualquer interrupção nesse tipo de organização é catastrófica. É fundamental manter o equilíbrio dentro do país. A política se assemelha à da República Velha, é preciso modificar tudo, para que tudo permaneça como está. Muitas reuniões e nenhuma decisão. Nos dias atuais, a ameaça não é mais o ouro de Moscou, nem a possível intervenção soviética, mas a loucura de Donald Trump. Ele está se divertindo na Presidência dos Estados Unidos, país que foi o símbolo da democracia e das liberdades. Hoje, significa opressão política e protecionismo econômico, exatamente o contrário do que pregavam os líderes daquela nação nas últimas décadas. Foi com aquele discurso que os norte-americanos investiram na reconstrução da Europa, depois da Segunda Guerra, e se transformaram na maior economia do mundo. Hoje, seu grande líder caminha no sentido contrário.

Os dirigentes ocidentais estão muito assustados. O brasileiro faz o que pode para se desviar das estocadas originadas em Washington. Mas, um dia haverá algum tipo de confronto. E o Brasil tem reduzidas chances de obter vantagens. Melhor ficar quieto e esperar o temporal passar. Os norte-americanos vão pagar um preço elevado pela ousadia de seu líder e de sua direita. Todos vivemos no mesmo planeta. Lula, até agora não tem adversário pronto para disputar a eleição de 2026. A oposição ainda se debate com as propostas confusas do bolsonarismo, que não é uma ideologia. Seu líder é apenas um alpinista que se aproveitou de um raro momento na política nacional. Difícil acontecer de novo. Mas Trump pode enlouquecer a ele mesmo, seu país e seus vizinhos. Trata-se de um novo Nero com poder de incendiar sua Roma.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circacunha.df@dabr.com.br

Era uma vez, eram duas vezes...

Antigo conto árabe, perdido no tempo, cujos o título e o autor, escritos na areia, foram apagados pelos ventos do deserto, narra a estória de um califa, cuja a fama de injustiça e de buscar punições a qualquer preço rendeu-lhe o epíteto do mais cruel dos monarcas que já existiu naquele mundo encantado de outrora.

Certa vez, ao passar pela rua, um morador local foi atingido na cabeça por um pedaço de madeira que se desprendera da moldura de uma janela. Ferido, foi então procurar reparação e justiça com califa local. Relatou-lhe o ocorrido. O califa imediatamente mandou chamar o marceneiro que havia construído aquela janela para puni-lo. Conhecedor das maldades do califa, o marceneiro, por sua vez, culpou a qualidade da madeira que havia adquirido de um vendedor próximo. O califa, sedento em julgá-lo, mandou trazê-lo rapidamente.

Como a fama de maldade do califa era conhecida mesmo em terras distantes, o vendedor da madeira em questão, logo acusou o lenhador, de quem havia comprado a mercadoria. Diante do califa, o lenhador, temendo por sua vida, pôs a culpa na qualidade do aço do machado, que lhe permitia cortar apenas madeira verde. O califa ordenou, então, que lhe trouxesse o fabricante do machado. Tremendo de medo e diante de um monarca que assustava até os animais irracionais, o fabricante do machado culpou o comerciante que lhe havia vendido ferro de má qualidade para a fundição da lâmina.

Então, o califa mandou vir o tal comerciante. Por sua vez, o comerciante do minério de ferro, sem pestanejar, acusou o minerador que morava nas cercanias da cidade. Trazido à presença do califa, o minerador pôs a culpa em sua própria mulher que havia brigado com ele e, como vingança, misturou o ferro com areia do deserto. Apanhada de surpresa e diante de uma situação inusitada como aquela e sem ter como explicar como havia feito tal vingança, a mulher ficou sem uma explicação razoável para o califa. O califa então ordenou: enforcem-na no parapeito da janela que causou o acidente.

Em um mundo, como o nosso, onde as aparências vão se confundindo, cada vez mais com a realidade, histórias como essa, por mais absurdas que pareçam, podem servir de alerta para os desencontros entre os fatos e as narrações. De fato, nada é o que nos parece à primeira vista, ainda mais quando estamos predispostos a tomar posição guiados pelo ego ou pelo fígado. Estamos imersos num oceano sem fim de narrativas, naquilo que os estudiosos passaram a classificar como um tempo de prevalência da pós-verdade, ou seja, num momento em que a opinião pública, por interferências diversas, passa a reagir mais impulsionada pelos apelos emocionais do que pelos fatos objetivos em si.

Essa tendência atual de colocar em segundo plano os fatos, detendo-se nas crenças e nas emoções das massas, tornam a opinião pública suscetíveis a todos os tipos de manipulações. Conhecendo bem esse momento sui generis de nossa sociedade é que os manipuladores têm tirado proveitos sem fim desse comportamento. Não é por outra razão que os políticos atuais buscam parcerias com os técnicos de propaganda e merchandising, para dar forma a seus discursos.

Por sua vez, esses técnicos em comunicação, ensinam aos políticos, como conduzir as massas para o lugar desejado, "ensinando-lhes como educar a população", não, sem antes, culpar os adversários. Ao empurrar a própria culpa para debaixo do tapete, ou para algo ou para alguém, nossos políticos, pelo menos os mais espertos, repetem o comportamento do conto acima, repassando suas culpas e erros, temendo o califa moderno que é a própria população e sua sede de justiça a qualquer preço. No caso em questão, não seria por demais ilógico culpar o rapaz que utiliza a maquiagem de remarcação de preços no supermercado pelo aumento atual dos alimentos. Se a culpa não é dele, deve ser do fornecedor da tal maquiagem ou, quem sabe, daquele que inventou esse equipamento desumano.



Estela nas nuvens: literatura infantil com DNA brasileiro

» ELISA MATTOS
Jornalista e escritora, integrante e conselheira do Núcleo de Escritoras Pretas Maria Firmina dos Reis (Nepfir), da Universidade de Brasília



A casa onde minha família vivia era pequena, porém confortável o suficiente para que, ali, eu me sentisse feliz. Uma cerca baixa, de ripas de madeira, nos protegia. Nos fundos, o quintal simples que tanto me encantava, e no centro do terreno, reinava uma goiabeira. Árvore baixa, de galhos tortos e lisos, que eu subia fácil para me esconder do mundo. Um recanto seguro, a amiga mais fiel e perfumada da minha infância.

Doces fragmentos da minha memória afetiva, que vieram à tona durante uma viagem de avião, meio de transporte tão necessário e útil, que, porém, provoca em mim picos de ansiedade e medo. Para distrair a tensão do voo que ensaiava turbulências, decidi escrever uma história que me levasse para outro momento.

E foi assim que surgiu a personagem Estela. Uma menina que vê a vida passear diante de seus olhos enquanto atravessa o espaço azul, dentro de uma aeronave, que ela imagina ser um bicho de ferro, de asas esquisitas e barriga barulhenta.

Lá do alto, a criança revisita a rotina dos seus dias, fala das cores, luzes e perfumes que marcam o ecossistema onde vive, o cerrado, e do lugar que ela está indo passear para brincar no mar.

Por meio da literatura é possível criar universos ou reescrever histórias. E até mudar a página da história. Muitas vezes, espera-se que as publicações de autores negros remexam nas mazelas e dores vivenciadas pelo povo negro e seus descendentes. Lágrimas e sangue como pano de fundo. Elementos que alimentam o

imaginário estabelecido pelo racismo enraizado na estrutura social do país.

Sim, é necessário e importante utilizar a escrita, seja literária, acadêmica ou jornalística, para denunciar as artimanhas, articulações e crimes contra a parcela maior da sociedade (pretos, pardos, quilombolas, indígenas). Fundamental. Porém, nós também podemos escrever sobre tanta coisa e de tantas maneiras diferentes.

E eu fiz a escolha de descrever o mundo encantado da menina Estela com leveza de alma, sorriso nos olhos, alegria ancestral, exaltação à vida. O meu alter ego, ainda é muito novo para ter conhecimento do processo histórico que faz parte da sua história ancestral. Porém, a menina sabe que tem a proteção infinda daqueles que não estão mais entre nós, mas ela sente a presença e conversa com eles. Essa obra pode ser descrita como um livro infantojuvenil da literatura afro-brasileira que retrata o universo lúdico e afetivo da infância.

Para fechar bem o processo de criação e escrita, e apresentar *Estela nas nuvens* ao seu público, o lançamento tinha que ser de acolhimento mútuo. No primeiro dia de fevereiro, em Brasília, o clima foi de festa fraternal. As crianças embarcaram no mesmo avião da história, com lápis de cor e papel para desenharem seus sentimentos, goiabas de lanche, flores e harmonia no jardim escolhido para o evento. Melhor recepção de estreia na literatura dirigida a meninada, mas que também aguçava a memória afetiva dos adultos, eu não poderia desejar. Muito obrigada. Axé!

A frase que foi pronunciada:

“Todo homem é culpado de todo o bem que não fez.”

Voltaire

Molhar o Sol

» Alguma razão deve haver para o caminhão-pipa molhar as flores da cidade em pleno Sol das duas horas da tarde. Mas é bom repensar a rotina. Não faz o menor sentido.

Abusivo

» Uma forma bastante arriscada é pagar pelo serviço antes de ser feito. No caso das agências de modelo que cobram com antecedência o trabalho, a promessa é clara. Você paga, mas há possibilidade de não ser chamado. A mesma coisa ocorre com os garotos do futebol. Os pais que precisam pagar pelos testes devem ficar atentos. Há treinadores e olheiros que não cobram para isso.

História de Brasília

O que está feito aqui é de concreto armado e nem as britadeiras, nem as picaretas dos inimigos poderão destruir. A obra tem alcance superior. (Publicada em 26/4/1962)